



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Bianca Bertoli

Mulheres invisíveis

Histórias de lideranças femininas na migração para Blumenau

**RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Profº. Fernando Antonio Crocomo
no segundo semestre de 2016**

Orientador: Profº. Jorge K. Ijuim

**Florianópolis
Novembro de 2016**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC	
ANO	2016.2	
ALUNA	Bianca Bertoli	
TÍTULO	Mulheres invisíveis – Histórias de lideranças femininas na migração para Blumenau	
ORIENTADOR	Professor Jorge Kanehide Ijuim	
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso
	<input type="checkbox"/>	Rádio
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo
	<input type="checkbox"/>	Foto
	<input type="checkbox"/>	Website
	<input type="checkbox"/>	Multimídia
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica (monografia)
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional (manuais, guias...)
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa) (seja empresarial, comunitária etc)
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)
	<input checked="" type="checkbox"/>	Reportagem
	<input type="checkbox"/>	livro-reportagem () se sim
		Local da apuração:
		() Florianópolis (x) Brasil
		(x) Santa Catarina
		() Internacional
		() Região Sul
		País: _____
ÁREAS	Jornalismo; Reportagem; Migração; Mulheres; Blumenau.	
RESUMO	<p>Este Trabalho de Conclusão de Curso relata, por meio de reportagens, histórias de mulheres que migraram para a cidade de Blumenau, em Santa Catarina. A região é conhecida pela ostentação das supostas características da colonização europeia e pelas inúmeras oportunidades de emprego. Nas migrações, a mulher geralmente é relacionada à pessoa que acompanha o marido, ligada ao lar e aos filhos. Fugindo desse papel de coadjuvante, muitas saem sozinhas ou lideram o deslocamento de suas famílias para outras cidades, estados ou países. Conforme o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Santa Catarina é o terceiro estado mais procurado para se viver no Brasil, e Blumenau é a quarta cidade catarinense que mais recebeu mulheres entre 2005 e 2010. As entrevistas e as observações nos permitiram alcançar os objetivos: (1) Conhecer a realidade das migrantes que vivem em Blumenau; (2) Compreender os porquês da migração dessas mulheres; (3) Identificar suas ocupações e (4) Apontar como é a receptividade de um povo conhecido pela aversão a quem vem de fora.</p>	

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial à minha mãe que não mediu esforços para que eu pudesse estudar na UFSC, e que é meu maior exemplo de força, generosidade e humildade.

Ao professor Jorge Ijuim pela confiança mesmo sem me conhecer e pela melhor orientação que eu poderia ter recebido.

Às amigas Aline Andrade, Daniela Geisler e Marina Oliveira por todas as conversas, risadas, conselhos e incentivos durante esses últimos cinco anos.

Ao Douglas Abelino pela diagramação, pelo projeto gráfico, pelas jantas deliciosas e pelos papos sobre viagens.

A Thaís Ferraz por todas as trocas durante a apuração e graduação, e pela imensa ajuda em fazer o Trabalho ser impresso e chegar às mãos da banca avaliadora.

Ao Alisson Heinzen de Moraes, Isadora Ruschel, Gabriela De Toni, Janine Silva, Rafael Venuto, Raíssa Turci, Renato Botteon e Tainara Rosa pelos momentos enriquecedores, alegres, pelo carinho e devaneios compartilhados.

Ao coletivo Jornalismo Sem Machismo por ter sido um divisor de águas na minha formação e provado que nunca estaremos sozinhas na luta contra opressão de gênero.

A todas as mulheres entrevistadas que abriram as portas de suas casas e dividiram suas histórias, permitindo-me mais que simplesmente contá-las, mas também aprender com cada uma delas.

Ao meu avô Arnaldo Mendes e prima Isabel Neves que sempre acreditaram em mim com uma certeza que jamais entenderei. Aos dois, também, toda a saudade do mundo.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso relata, por meio de reportagens, histórias de mulheres que migraram para a cidade de Blumenau, em Santa Catarina. A região é conhecida pela ostentação das supostas características da colonização europeia e pelas inúmeras oportunidades de emprego. Nas migrações, a mulher geralmente é relacionada à pessoa que acompanha o marido, ligada ao lar e aos filhos. Fugindo desse papel de coadjuvante, muitas saem sozinhas ou lideram o deslocamento de suas famílias para outras cidades, estados ou países. Conforme o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Santa Catarina é o terceiro estado mais procurado para se viver no Brasil, e Blumenau é a quarta cidade catarinense que mais recebeu mulheres entre 2005 e 2010. As entrevistas e as observações nos permitiram alcançar os objetivos: (1) Conhecer a realidade das migrantes que vivem em Blumenau; (2) Compreender os porquês da migração dessas mulheres; (3) Identificar suas ocupações e (4) Apontar como é a receptividade de um povo conhecido pela aversão a quem vem de fora.

Palavras-chaves: Jornalismo; Reportagem; Mulheres; Migrantes; Blumenau.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	6
1.1	Migração em Blumenau.....	7
2	JUSTIFICATIVAS: tema e formato.....	8
2.1	Tema.....	8
2.2	Formato.....	10
3	PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	11
3.1	Pesquisa e pré-produção.....	11
3.2	Apuração da reportagem.....	12
3.3	Fontes.....	14
3.4	Gastos.....	17
3.5	Diagramação e edição.....	17
3.6	Impressão.....	18
4	DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	18
5	REFERÊNCIAS.....	19

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

A imigração e migração sempre estiveram presentes na história do Brasil. Só no sul do país, entre os anos 40 e 70, as taxas de crescimento foram superiores a todas as outras regiões, principalmente devido aos deslocamentos populacionais (GUBERT, 2005, p.27). Em 2010, 35,4% dos cidadãos brasileiros não residia no município onde nasceu (IBGE, 2014)*. Desses, 14,5% (26,3 milhões de pessoas) morava em outro estado.

Entre 2005 e 2010, 174.112 pessoas chegaram a Santa Catarina (DIÁRIO CATARINENSE, 2012)**, número que triplicou se comparado aos dez anos anteriores. Atraídos pelas oportunidades de emprego, a movimentação coloca o estado em terceiro lugar no ranking nacional de migração.

Em paralelo ao fenômeno, a participação das mulheres em todos os setores da sociedade é pautada por aspectos culturais, históricos e sociais. O machismo, preconceito e desigualdade de gênero estão presentes em outros tantos âmbitos em nível público e privado, tal como os deslocamentos. A migração interna feminina é cada vez maior, apesar de muitas vezes ser silenciada pelo protagonismo masculino.

Gláucia de Oliveira Assis (2007, p.768) chamou a atenção para o fato de que embora muitas mulheres ainda migrem em grupos familiares, “elas também migram sozinhas, em busca de autonomia, para fugir de poucas oportunidades ou de discriminações nos locais de origem”. Essa busca por trabalho e estudo pode estar aliada a uma ambição mais subjetiva, como a tentativa de pôr fim a situações de opressão e violência (CHAVES, 2009).

Aos poucos, a força e representatividade que elas vêm ganhando nos números e discussões sobre o assunto faz com que pesquisadores discutam sobre uma “feminização dos fluxos migratórios”, tornando necessária uma reflexão aprofundada sobre as especificidades dos deslocamentos liderados por mulheres, abordando tanto fatores de vulnerabilidade e desigualdade quanto à abertura de possibilidades e “transformações na estrutura social, familiar e do trabalho” (PAULA, 2016, p.7). Como elucida Seyferth (2013, p.1) “a presença feminina nos fluxos migratórios atuais, inclusive individualizada, tem sido objeto destacado pelos pesquisadores, tendo em vista questões econômicas e morais, e as mudanças nas relações de gênero associadas à mobilidade”.

* Documento eletrônico não paginado.

** Documento eletrônico não paginado.

1.1 Migração em Blumenau

Em Blumenau, dados do censo de 2010 do IBGE revelam que 15.680 mulheres e 14.925 homens chegaram à cidade para iniciar uma nova etapa de vida entre 2005 e 2010. Em 2014, o município que ocupa o quarto lugar no ranking de mais procurado no estado cresceu 8%, saindo da marca de 309.011 moradores (em 2010) para atingir 334.002 (IBGE, 2014a, p.101). Depois de São José, Blumenau é a cidade que recebe mais mulheres em comparação ao número de homens migrantes em Santa Catarina.

Seguindo a tendência de sair de zonas menores e com baixa qualificação, as que chegam em Blumenau em busca de empregos de prestação de serviço deparam-se com salários insuficiente para o custo de vida alto. Assim, são obrigadas a viver em regiões afastadas onde os preços de moradia são mais econômicos.

Se historicamente as mulheres nunca estiveram no mesmo patamar de igualdade que os homens, a junção com as diferenças sociais e/ou raciais ampliam ainda mais os problemas enfrentados decorrentes da sociedade patriarcal. Sabendo disso, é possível dimensionar o quanto os direitos das moradoras de periferias são negligenciados e como suas vozes são ignoradas pelas grandes mídias e pelo poder público.

Em todo o Brasil o processo de exclusão social jogou às sombras as populações mais carentes. Não diferente de outros estados, Santa Catarina, mais especificamente a região do Vale do Itajaí, com propagandas de cidades de alto padrão e características europeias, tenta maquiar uma realidade, como é o caso de Blumenau.

Diante da imagem de cidade rica, polo industrial e detentora de um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do País, a cidade de Blumenau/SC esconde outra realidade por trás dos morros. O processo de exclusão associado a práticas de higienização social adotadas em todo o país se repetem no município conhecido por ostentar títulos como “Europa brasileira” e “Loira Blumenau”. Mas os contrastes observados em Blumenau são chocantes: dados do IBGE colocam a cidade como a maior possuidora de habitantes em favelas do Estado. No entanto, a invisibilidade social das áreas de concentração de pobreza alcança também a imprensa. (IJUIM; MOSER, 2015, p.132).

Segundo o censo de 2010, 23.131 pessoas vivem em 17 aglomerados subnormais, “nomenclatura que engloba os diversos tipos de assentamentos irregulares existentes no País, como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos, palafitas, entre outros” (IBGE, 2012). Em números absolutos, a terra da *oktoberfest* brasileira está em primeiro lugar, mas, quando é feito o cálculo levando em consideração o número de

habitantes, Gaspar, também no Vale do Itajaí, toma essa posição e Blumenau cai para a terceira colocação (7,52%).

Sabendo que a migração de baixa qualificação está à margem, compondo a população que vive em regiões por trás ou em cima dos morros, os objetivos do Trabalho foi conhecer as vidas de mulheres que pertencem a essa divisão, e entender porque decidiram vir a Blumenau e identificar suas ocupações. Coincidentemente, quatro das seis migrantes entrevistadas trabalham como auxiliar de limpeza.

Outra questão importante que a reportagem aponta é a receptividade de um povo conhecido pela aversão a quem vem de fora. Em tempos de colonização, os imigrantes alemães não receberam bem os italianos que chegaram 25 anos depois ao Vale do Itajaí, em 1975 (GUBERT, 2005). A sensação de pertencimento à terra parece ter sobrevivido gerações que, agarradas à ideia de um lugar diferenciado do país, ainda insistem em buscar uma homogeneidade populacional que não existe.

Acredito que meu objetivo principal tenha sido justamente esse, de mostrar o quão heterogênea é a cidade e que todos têm os mesmos direitos, independente de ser ou não blumenauense. Tirar da sombra histórias de mulheres que reconstruíram suas vidas no município foi a forma que escolhi para combater os pensamentos preconceituosos e humanizar o fato de que muitas pessoas procuram a região, mas pouco se sabe sobre boa parte delas - quem são essas mulheres que viraram números para o IBGE?

2 JUSTIFICATIVAS: tema e formato

2.1 Tema

- Você vai subir esse morro? É uma sujeira isso aí, só vive gente que veio de fora... A senhora de olhos azuis extremamente claros e pele branca com várias pequenas pintas marrons pelos braços me interpelou no primeiro dia de apuração, enquanto eu amarrava o cadarço do tênis antes de começar uma enorme subida.

Esse breve relato sintetiza perfeitamente o que me levou a escolher o tema. Nasci e cresci em Blumenau. Apesar de ter negro, índio, português, italianos e polonês em minha árvore genealógica, meu fenótipo (pele, olhos e cabelos claros) sempre foi confundido com o de descendentes de alemães, povo que colonizou a cidade em 1850 (GUBERT, 2005).

Estar nessa posição de privilégio me possibilitou ouvir muitas opiniões preconceituosas. Desde pequena escuto frequentemente comentários como “essas pessoas de fora do estado chegam só para sujar as ruas”, “são eles que aumentam a criminalidade” e “eles que tiram nossos empregos” em diversos lugares, sejam públicos ou privados.

No seu papel de “colonizador”, moradores têm todos os seus direitos preservados, beneficiando-se de todos os “prestígios” e detendo todas as autoridades. “Ele é, enfim, o outro termo de comparação, que esmaga o colonizado e o mantém na servidão” (MEMMI, 2007, p. 162). Ainda sobre lugar de privilégio, Schucman (2014) percebeu que suas características físicas foram determinantes nas entrevistas que realizou quando pesquisou sobre branquitude, tema do seu livro.

Em alguns casos, senti que os entrevistados se sentiam muito à vontade para falar conteúdos racistas, ou conteúdos em que afirmavam uma superioridade racial do branco no que se refere a padrões estéticos e também morais. Minha hipótese, nesse caso, é que o fato de eu ser identificada como uma pessoa branca – e de me identificar como tal, uma vez que estou inserida na mesma estrutura de identificação racial que problematizo, fez com que os entrevistados não sentissem que um gesto racista fosse interpretado como ofensa pessoal a mim. Em outros momentos cheguei até a pensar que esses sujeitos estivessem buscando, equivocadamente, uma forma de me agradar. (SCHUCMAN, 2014, p. 41).

A mídia de modo geral ajuda a reforçar a imagem de uma cidade predominantemente europeia. “A galega Blumenau”, “Alemanha sem passaporte” ou outros termos são comumente lidos em jornais e *outdoors* ou ouvidos em rádios e televisões. Blumenau é o terceiro maior município do estado (por número de habitantes) e tem apenas um grande jornal impresso em circulação, do Grupo NC (até março de 2016 pertencia ao Grupo RBS).

Sem espaço para grandes reportagens e com pouca abertura para assuntos relacionados à migração interna e áreas pobres da região, essas caem na capa da invisibilidade. Uni meu estranhamento com as frases que marcaram minha infância a uma das melhores descobertas que o Jornalismo da UFSC me proporcionou: o feminismo. Com essa consciência sobre a importância das questões de gênero, quis falar sobre mulheres. Jorge Ijuim, que me orientou, ajudou-me a chegar na angulação “migrantes que vivem nas áreas pobres da cidade”.

Dar espaço para as comunidades, o povo, deveria ser regra na nossa profissão, mas não é o que acontece. É por isso que fazer esse jornalismo nas margens “é uma manifestação pela libertação do fazer jornalístico, enclausurado em manuais de redação, em práticas que o tornam espetáculo grosseiro e em teorias que aprisionam e condenam a beleza, tentando tudo submeter a um modelo de expressão” (TAVARES, 2004, p. 7).

2.2 Formato

Escolhi escrever uma grande reportagem em texto por acreditar que poderia explorar o assunto em profundidade, já que ela significa um investimento enorme em termos humanos e muitas vezes financeiros (KOTSCHO, 1986). Além disso, não quis correr o risco de que as entrevistadas ficassem retraídas por conta de uma câmera apontada para seus rostos – nas conversas usei apenas caneta, bloco de notas e o celular (que serviu de gravador). Apenas quando finalizava a entrevista pedia para fotografá-las (com minha câmera Canon T3i)

A opção para o meio impresso também foi muito influenciada pela afinidade. Foram sete matérias exclusivas sobre redação em um curso que enfatiza muito a técnica e os modos mais clássicos de fazer jornalismo. Obviamente que me encantei pela escrita, criei mais segurança e prefiro mídia impressa a televisão, por exemplo. Julguei que meu Trabalho representaria pluralidade no campo da comunicação e para a imprensa local (relativamente conservadora), sendo um ping de jornalismo libertador em meio ao mar de produção desenfreada de notícias.

O jornalista libertador precisa reinventar o jornalismo no contexto de seu tempo. Numa época de celulares, e-mails, internet, computers, é mais do que necessário humanizar as redações, tirar o pé da salinha quente e cair no mundo real. Estar na vida, vendo, narrando e interpretando é a sua tarefa. (TAVARES, 2004, p. 22).

Não queria sair da Universidade e ser apenas mais uma profissional dentro dessa realidade. Busquei aprimorar a visão crítica, o pensar antes de fazer, o tomar posição e escancarar os interesses que jogam para fora essas pessoas. Foi uma busca árdua para a desconstrução de estereótipos tão bem arraigados na sociedade – e reforçados pela mídia, principalmente no que se refere a Blumenau como cidade europeia.

Através do texto pude mergulhar nessa sensação de pertencimento que se criou entre muitos blumenauenses e tive espaço para resgatar a história da população negra, da relação da cidade com os migrantes, do preconceito velado ou escancarado que começa antes da subida dos morros, etc. Inspirada em Llobart (2011), mantive sempre em mente os verbos investigar, observar e ouvir para fazer a reportagem e alcançar o como e o porquê. Adicionei, baseada no jornalismo libertador de Tavares (2004), o “e daí”. E daí é que “os que estão à margem do centro opressor” precisam do nosso respeito (TAVARES, 2004, p. 25). Além de ecoar o interesse dos mais fracos, tentei trazer diversidade de recursos expressivos, uma estrutura livre e abordar questões de atualidade permanente (LLOMBART, 2011).

Das quatro principais características de uma reportagem apontadas por Sodré (1986, p. 15), as duas primeiras, “humanização do relato” e “predominância da forma narrativa”, foram buscas constantes em *mulheres invisíveis*. Foquei mais em relatar que interpretar, mas isso não anulou a militância, já que escolhi uma perspectiva e a deixei muito explícita no texto, sendo clara com o leitor (LAGES, 2005). “É preciso estar sempre atento para sacar as mudanças, sem medo de tomar posição, mesmo que alguns jornalistas de proveta qualifiquem isso de *brega*: ‘denunciando o que há de ruim e errado, louvando o que bem merece’, como na música” (KOTSCHO, 1986).

Apontar os aspectos negativos enfrentados por mulheres migrantes foi um dos pontos da reportagem. Não queria de forma alguma tornar o assunto pesado ou extremamente dramático. Por isso, tentei escrever as histórias das entrevistadas de forma mais trabalhada, fazendo muito esforço para deixar fluir minha sensibilidade e almejando perfis. Procurei despir-me de qualquer tipo de preconceito e de ideias pré-fixadas pela pauta (KOTSCHO, 1986, p.42).

3 PROCESSO DE PRODUÇÃO

3.1 Pesquisa e pré-produção

A primeira etapa do desenvolvimento do produto final consistiu na pesquisa e pré-produção, durante maio, junho e julho (meses em que desenvolvi o projeto do Trabalho). Nela, fiz pesquisas sobre o tema geral (migração feminina, migração no Vale do Itajaí/Santa Catarina e mapeei as áreas consideradas periféricas da cidade escolhida). Conforme encontrava bibliografia sobre o tema, já que matérias jornalísticas foram praticamente nulas de se localizar para servir de fundamentação, separava o nome do especialista/pesquisador para entrar em contato posteriormente.

Mudei-me para Blumenau no dia 23 de julho e comecei a me organizar melhor. Foi só a partir dessa data que consegui iniciar a busca por migrantes que vieram sozinhas ou que lideraram o deslocamento de suas famílias. Isso rendeu um pequeno atraso em todo o processo. As primeiras sondagens começaram no boca a boca. Uma vizinha indicou uma das onze mulheres que entrevistei, uma colega da família outra, uma prima mais outra e parou por aí.

Desse momento em diante minha pré-produção acabou se misturando com a apuração, conforme explicarei no próximo tópico. Porém, vale salientar aqui que as perguntas foram definidas já nessa fase, tanto as que foram feitas para as moradoras, quanto as dirigidas a

especialistas e órgãos públicos. Também nesse período estabeleci que fotografaria cada entrevistada para servir de apoio ao texto e dar mais efeito de real.

3.2 Apuração da reportagem

O ideal seria que pelo menos a maioria dos nomes tivesse sido definida antes de eu iniciar a apuração, mas não foi o que aconteceu. Decidi então deixar a conversa com pesquisadores e fontes institucionais para depois e me dedicar a procurar boas histórias. Como o boca a boca não tinha rendido muitas indicações, tentei outros meios. O primeiro foi falar com uma assistente social amiga da família, Maria Mercedes.

Sabia que por essas mulheres estarem em áreas mais periféricas, as chances de que muitas delas recorressem a assistências sociais seriam grandes. Maria confirmou minha presunção e me orientou a solicitar ajuda à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (Semudes) para que me fornecessem contatos de moradoras de áreas periféricas.

A reunião com a equipe da Semudes levou cerca de duas semanas para ser marcada. Depois de muitas burocracias e requerimentos oficiais, fui recebida com hostilidade por dois dos cinco funcionários com quem tive que conversar. Eles não estavam contentes em saber que falaria sobre migrantes que vivem em zonas que não são atendidas pela prefeitura. Porém, uma das assistentes sociais concursadas, Maria Stanchck, se dispôs a me auxiliar e indicou dois nomes.

Enquanto esperava pela resposta da Semudes, conheci outra assistente social, Maria Roseli, indicada pela colega jornalista Magali Moser. Maria me forneceu uma lista de lideranças comunitárias. Liguei para cada uma das que eram de áreas periféricas. Depois de dois dias de telefonemas entrei em contato com mais três mulheres. Comuniquei-me com duas assistentes sociais de Centros de Referência de Assistência Social (Cras) e uma delas me recomendou onze moradoras que vieram de outras regiões - que resultou em um agendamento.

Em agosto as entrevistas começaram a ser feitas em paralelo às buscas por novos nomes (por isso a produção se misturou com a apuração). Às vezes algumas mulheres desmarcavam e outras só poderiam me receber vários dias depois do convite para participar. No próximo tópico detalharei cada fonte ouvida para que seja possível compreender melhor como se deu todo o desenvolvimento.

Durante a apuração, onze mulheres foram entrevistadas - nove em suas casas e duas em seus locais de trabalho. Escrevi sobre suas realidades por meio de observação e com o

resultado das conversas que levaram pouco mais de duas horas. Adotando a ideia de jornalismo libertador de Tavares (2004, p. 21), não quis que essas mulheres se sentissem “objetos” de uma reportagem, mas sim “sujeitos”.

“Na proposta do jornalismo libertador, aquele que repassa informação, que conta uma história, que entrega sua dor, seus sonhos, sua vida, nas mãos de um repórter, precisa ser visto na sua inteireza” (TAVARES, 2004, p. 21). Desde o primeiro contato disse a essas mulheres o objetivo do meu Trabalho e, para minha surpresa, todas dividiram abertamente suas histórias, muitas vezes confidenciando alguns detalhes. Levei perguntas para nortear a conversa, mas cada uma tinha suas especificidades e inúmeras questões surgiram durante a entrevista.

Mudanças ocorreram no meio de todo o processo. Inicialmente a minha busca por mulheres migrantes ocorreria apenas nas áreas que o IBGE mapeou como aglomerado subnormal. Porém, as regiões pobres ultrapassam as 17 zonas identificadas pelo Instituto (inclusive na contagem da prefeitura o número sobe para 55, como dito na reportagem). Eu não poderia ficar refém dessa limitação e ignorar as histórias que apareceram. Dessa forma, optei por “abrir” a pauta para “zonas periféricas/afastadas” e não mais “zonas consideradas favelas pelo IBGE”.

Na fase de visitas às migrantes, ocupava o tempo livre entre uma entrevista e outra para transcrever as conversas. Assim, quando terminei essa etapa já tinha tudo no papel, alguns trechos de textos rabiscados e uma ideia relativamente clara sobre a estrutura. Depois de superado o drama e as aventuras para chegar até elas, veio um novo episódio da apuração: as fontes especializadas e oficiais.

O problema de tratar de um tema pouco abordado é encontrar pessoas que falem sobre ele. Para dialogar sobre migração feminina tentei entrevistar três especialistas, e para abordar a aversão a quem vem de fora e história de Blumenau, mais três. Sem sucesso, procurei dois representantes do Movimento de Consciência Negra e consegui conversar com um deles. No fim, três professores trataram sobre migração feminina e preconceito.

Pode parecer um pouco estranho ou até mesmo sintomático que a maioria das minhas fontes tenha sido homens. Busquei primeiramente falar de migração feminina com pesquisadoras pela questão da representatividade, mas elas não me responderam – ou demoraram muito para fazê-lo (uma delas levou mais de dois meses). Localizar fontes que discorressem sobre racismo não foi difícil - achei pertinente abordar o assunto devido aos relatos das entrevistadas negras.

A maioria dos dados da reportagem foram levantados por pesquisas em documentos do IBGE ou de outros institutos mencionados. Algumas leituras indicadas por fontes também

me ajudaram passar informações que aparecem sutilmente no texto, como a questão histórica da aversão a quem vem de fora. Há também dados que não demandam muita verificação por eu estar vivendo na cidade, como é o caso do transporte coletivo.

Precisava de alguns levantamentos da prefeitura para contextualização, como número de mulheres não blumenauenses cadastradas na assistência social ou as políticas públicas voltadas para migração, por exemplo. Tudo o que necessitava estava concentrado na Semudes. Além de inúmeras perguntas não serem respondidas com a justificativa de não haver aqueles tipos de registros que solicitei, minhas questões só foram atendidas quando todo o processo eleitoral terminou, no começo de novembro.

Em meados de outubro comecei a escrever. Já tinha a estrutura estabelecida e a maioria das informações de pesquisas selecionadas, mas a falta de experiência acabou refletindo na hora de redigir. Às vezes perdia dias sem digitar mais que dois parágrafos porque considerava tudo muito ruim ou mal organizado. Quando aceitei minhas limitações o texto fluiu. Sabia que o que estava fazendo não era muito, que poderia ser infinitamente melhor, mas me agarrei à ideia de que era um começo.

E aí podemos reproduzir aquela velha estória do beija-flor que tentava apagar um enorme incêndio na floresta carregando pingos d'água no bico. Ele não só estava fazendo a sua parte como estava incentivando os outros para que fizessem o mesmo. Esta é a tarefa do jornalista libertador. Carregar pingos d'água no seu texto, até que um dia os demais jornalistas possam conspirar desta beleza que é ver o mundo com o olhar da alteridade, capaz de divisar o outro como outro, real. Capaz de espalhar o germe da solidariedade, da beleza que há no outro, o germe da transformação. O jornalismo libertador pressupõe um jornalista diferente. O mundo dito pós-moderno nos chama à competitividade, ao individualismo exacerbado, ao vale-tudo, daí, pensar em como fazer jornalismo dentro dessa realidade implica, necessariamente, pensar o ser que o faz. (TAVARES, 2004, p. 21).

3.3 Fontes

Dividirei os nomes das pessoas com quem conversei em duas categorias para fins de organização. A primeira, “fontes secundárias”, na maioria das vezes foram as responsáveis por me fazer chegar nas “fontes principais”. O total passou de 30 pessoas, mas as que entraram para o texto (ou os dados que informaram) giraram em torno de 20. Durante os meses de julho, agosto, setembro e outubro todos foram contatados e contribuíram de alguma forma com a reportagem.

Mês	Fontes secundárias	Assunto
Julho	Magali Moser	Jornalista, falou comigo sobre migração em Blumenau e me orientou a procurar por Maria Roseli.
Julho	Maria Roseli	Assistente social, indicou a colega Janaina Mayara e forneceu uma lista com números de telefone de lideranças comunitárias.
Julho	Líderes comunitários	Liguei para sete pessoas que me sugeriram as migrantes Delzi dos Anjos, Sueli de Campos e Joice da Cruz.
Julho	Izane Martins	Amiga da família, pediu a sua tia migrante Irene Cestrem que conversasse comigo.
Agosto	Janaina Mayara	Assistente social do Cras do bairro Garcia, intermediou a aproximação com a migrante Paula dos Santos.
Agosto	Érica Monteiro	Professora de Sociologia, dialogamos sobre xenofobia em Blumenau. Ela me recomendou outros três docentes.
Agosto	Professores indicados por Érica	André Martinello, Sueli Petry e Cristina Ferreira. Nenhum dos professores de História e Sociologia foram encontrados por e-mail, telefone e na busca que fiz por suas salas na Universidade Regional de Blumenau (Furb).
Agosto	Maria Stanchck	Assistente social que conheci na reunião com a Semudes, Maria me apresentou às migrantes Roseilda Gomes e Rosângela da Silva e me explicou algumas questões sobre regulação fundiária.
Agosto	Jaqueline	Colega da família que me aconselhou conhecer a migrante Aparecida Leite.
Agosto	Marilene	Vizinha que indicou a migrante Ivone Lorenzo.

Mês	Fonte principal	Assunto
Julho	Luciana Coelho	Coordenadora do Cras do bairro Fortaleza, esclareceu o assunto sobre mulheres em situação de vulnerabilidade e transmitiu a localização de várias moradoras – depois de algumas chamadas telefônicas cheguei até a migrante Joana Alves.
Agosto	Ivone Lorenço, Delzi dos Anjos e Paula dos Santos	A entrevista com a migrante Delzi gerou mais conteúdo e entrou para a reportagem.
Setembro	Roseilda Gomes	A única migrante que foi visitada mais de uma vez indicou a amiga Vanilda Vieira para participar.
Setembro	Vanilda Vieira, Rosângela da Silva, Joice da Cruz, Aparecida Leite, Irene Cestrem, Joana Alves e Sueli de Campos	As conversas com as migrantes Vanilda, Joice, Aparecida e Joana renderam mais.
Outubro	Helion Pavao Neto, Glaucia Assis e Sylrléa Marques	Professores especializados em imigração e migração. Helion respondeu algumas perguntas sobre o tema. Glaucia e Sylrléa só poderiam conversar no final de novembro, depois que o Trabalho já estaria concluído.
Outubro	Nelson Santos	Professor e sociólogo, falou sobre as oportunidades no mercado de trabalho blumenauense.
Outubro	Carlos Silva	Docente e coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro (Neab) da Furb, articulou sobre xenofobia e racismo.
Outubro	Aline Cruz	Representante do Movimento de Consciência Negra - Cisne Negro e uma das fundadoras do primeiro Coletivo feminista de Blumenau, comentou sobre racismo e xenofobia.

Novembro	Maria Bernat	Depois de muito tempo de espera, a chefe do setor de Gestão Social da Semudes passou informações sobre programas assistenciais e dados sobre as áreas pobres.
----------	--------------	---

3.4 Gastos

Organizei os gastos desde o primeiro mês de pesquisa (maio) até a impressão final (novembro) na tabela abaixo. O orçamento total foi de R\$ 451,30, custeado com recurso próprio.

	Valor	Motivo	Fonte de recurso
<i>Pré-produção</i>	-	Telefone	UFSC
	-	Internet	UFSC
	R\$ 15	Livro	Própria
<i>Apuração</i>	R\$ 70	Telefonemas	Própria
	R\$ 60	Gasolina	Própria
	R\$ 40	Cartão de memória	Própria
	R\$ 51,10	Passagem de ônibus	Própria
<i>Pós-apuração</i>	R\$ 333,20	Impressão da reportagem	Própria
	R\$ 150	Projeto gráfico/diagramação	Própria
	R\$ 32	Impressão do relatório	Própria

3.5 Diagramação e edição

Para facilitar a leitura pelos membros da banca examinadora, optei por diagramar no formato revista. Como queria que o resultado final ficasse visualmente interessante, pedi para o graduando em Design Douglas Abelino fazer o projeto gráfico. Com o prazo apertado, ele também diagramou o texto a fim de agilizar a produção. Decidimos deixar as fotos que tirei em preto e branco para trazer mais densidade para a reportagem. Como não queria que se tornasse algo extremamente dramático, Douglas usou cores e um estilo mais moderno.

Depois que terminei todos os textos comecei a edição. Escrevi os títulos, linhas finas, legendas e selecionei o que seria destacado na reportagem (olhos). Com o intuito de poder corrigir com calma, abri um documento novo, inseri somente o que fazia parte da edição e tentei alterar ao máximo as repetições.

Pedi para duas amigas jornalistas lerem o *mulheres invisíveis* pronto. Com as sugestões de mudanças delas em mãos revisei os textos com afinco. Quando tudo já estava diagramado imprimir em folhas A4 para ler uma última vez antes de levar à gráfica.

3.6 Impressão

A impressão foi feita na gráfica Duplic Digital, em Florianópolis, em papel couchê fosco no tamanho A4.

4 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Essa foi a minha primeira grande reportagem escrita durante a graduação (até então meus textos não haviam passado de 20 mil caracteres, menos da metade do que foi o *mulheres invisíveis*). Além da enorme insegurança para escrever, como já abordei anteriormente, foi muito difícil fazer o levantamento de dados. Blumenau não possui qualquer política pública para migrantes recém-chegados e tampouco há informações aprofundadas sobre a população oriunda de deslocamentos.

Existe uma infinidade de livros sobre a imigração europeia, mas ninguém soube responder quantos moradores são de fato descendentes de alemães, por exemplo. Encontrar especialistas que falassem sobre migração feminina não foi muito complicado, o problema ocorreu quando a maioria não me respondeu ou sumiu no meio do processo – esse é o lado ruim de não estar na mesma cidade que a fonte. Várias vezes me questionei se não deveria mudar a angulação, já que parecia que não conseguiria nada que sustentaria minhas escolhas.

Transformei o problema da falta de informação que julgava essencial em uma solução: o silêncio era a resposta. A cidade que insiste tanto em vender uma imagem estereotipada não possui qualquer investigação que sustente a propaganda que faz e desconhece a heterogeneidade da sua população (ou finge desconhecer). Continuei com a ideia porque senti que as histórias transmitiam a mensagem que gostaria.

Cheguei a fazer uma mudança relativamente importante na pauta: abri a angulação de mulheres que migraram para as áreas periféricas mapeadas pelo IBGE para mulheres que migraram para áreas afastadas e periféricas. Isso foi necessário porque as minhas tentativas de ir até os lugares indicados e procurar por moradoras não funcionou. Elas ficavam desconfiadas e não conversavam com tranquilidade e confiança, diferente das que encontrei depois de ter a mediação de líderes comunitários, assistentes sociais, etc.

Pode parecer clichê, mas esse Trabalho me possibilitou praticar inúmeras funções aprendidas na graduação, como técnicas de entrevista, apuração e redação. Foi com certeza um projeto extremamente experimental para mim. Arrisquei colocar com mais firmeza meu ponto de vista e não tive medo de tentar um texto solto, pois achei que a tentativa era válida devido ao tema.

A grande questão foi ter a “capacidade de ver o invisível que precisamos perseguir, entendendo que invisível não é aquilo que não existe, mas o que sempre esteve ali e nunca vimos, porque não fomos capazes de olhar com os olhos da ternura, do amor, do vivo interesse” (TAVARES, 2004, p. 17). Fiquei feliz nesse sentido. Ver e contar essas histórias representou, para mim, provar a impossibilidade da neutralidade e a importância de um jornalismo mais militante, voltado para a comunidade.

Foi o momento de questionar como a sociedade chegou na divisão de “eles, os outros”, que estão do outro lado e “nós”, partindo do ponto de vista do pensamento abissal (SANTOS, 2007). Desenvolver o *mulheres invisíveis* significou praticar a observação, sensibilidade e, muitas vezes, a paciência. Escrito de forma que todas as matérias se complementam mas são totalmente independentes uma da outra, a esperança é que sejam uma pequena gota na história de Blumenau, a prova de que há muita pluralidade pela cidade - basta querer enxergar.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e Mulheres migrantes no presente: gênero no presente: gênero, redes sociais, redes sociais e migração internacional e migração internacional e migração internacional. **Intexto**. Florianópolis, UFSC, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a15v15n3.pdf>>. Acesso em: 2 de maio de 2016.

BORGES, Rosane da Silva. "Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra" (p. 179-202). In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs). *Mídia e Racismo*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

CHAVES, Maria de Fatima Guedes. **Mulheres migrantes: senhoras de seu destino?** : uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1981/1991. Tese (Doutorado em Demografia). Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000441049>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

DADOS sobre aglomerados subnormais em Blumenau e Gaspar. **IBGE**, s.I, s.d, 2012. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=42&search=santa-catarina>>. Acesso em: 5 de junho de 2016.

DIÁRIO Catarinense. Santa Catarina ocupa terceiro lugar no ranking nacional de migração entre estados, aponta IBGE. **Diário Catarinense**, 27 de abril de 2012. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/04/santa-catarina-ocupa-terceiro-lugar-no-ranking-nacional-de-migracao-entre-estados-aponta-ibge-3740724.html>>. Acesso em: 5 de junho de 2016.

FUNCK, Susana Bornéo. "A (in) visibilidade da mulher na mídia impressa: uma análise discursiva". Revista Comunicação e Inovação, v. 8, n. 14, jan./jul. 2007, p. 15-22.

G1. Polícia Civil investiga carta que ameaça baianos no Vale do Itajaí. **G1**, 7 de nov. de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/11/policia-civil-investiga-carta-que-ameaca-baianos-no-vale-do-itajai.html>>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

GUBERT, Renzo; POLLINI, Gabriele. **Cultura e desenvolvimento**: uma investigação sociológica sobre os imigrantes italianos e alemães no sul do Brasil. Porto Alegre: Est Edições, 2005.

IBGE. Aglomerados subnormais: Informações Territoriais. **IBGE**, Rio de Janeiro, s.d, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais_informacoes_territoriais/default_informacoes_territoriais.shtm>. Acesso em: 5 de junho de 2016

IBGE. Estimativa populacional em 2014. **IBGE**, Rio de Janeiro, 28 ago, 2014a. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2014/estimativa_dou_2014.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.

IBGE. Vamos conhecer o Brasil: migração e deslocamento. **IBGE**, Rio de Janeiro, s.d, 2014b. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/migracao-e-deslocamento.html>>. Acesso em 2 nov. 2016.

IJUIIM, Jorge Kanehide; MOSER, Magali. A prática da invisibilidade social sobre as áreas de concentração de pobreza na imprensa de Blumenau (SC). **Intexto**. Florianópolis, UFSC, 2015. Disponível em: <<http://rebela.emnuvens.com.br/pc/article/view/201>>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LENE, Hérica. O personagem em destaque. **Observatório da imprensa**, 26 de set. de 2006. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-personagem-em-destaque/>>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

LIM, Lana; PERUCCA, Brigitte. Mulheres sozinhas imigram cada vez mais para outros países ou regiões. **Bol notícias**, 7 de abril de 2010. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/internacional/2010/04/07/mulheres-sozinhas-imigram-cada-vez-mais-para-outros-paises-ou-regioes.jhtm>>. Acesso em: 11 de maio de 2016.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de; FARIA, Guélmer Júnior Almeida de; FERREIRA, Maria da Luz Alves. Desinibilizando as mulheres em contexto migratório interno: interfaces entre migração, trabalho e gênero. **Anais do 17º Seminário sobre a Economia Mineira**. Diamantina, 2016.

PEREIRA, Fernanda. Censo mostra Gaspar no topo da pobreza em Santa Catarina. **Cruzeiro do Vale**, 22 de jan. de 2012. Disponível em: <<http://www.cruzeirodovale.com.br/geral/censo-mostra-gaspar-no-topo-da-pobreza-em-santa-catarina/>>. Acesso em: 5 de junho de 2016.

RAMOS, Giovanni. Blumenau, cidade das favelas. **Controversas**, 24 jan. 2012. Disponível em: <<http://controversas.com/cotidiano/blumenau-cidade-das-favelas/>>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

RBS. RBS anuncia venda de operações de mídia em Santa Catarina. **RBS**, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/noticias/2016/03/07/rbs-anuncia-venda-de-operacoes-de-midia-em-santa-catarina/>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

RENAUX, Maria Luiza. **O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950**. Blumenau: Ed. da FURB, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **CEBRAP online**. N.79. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004>. Acesso em: 24 de maio de 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. N. 63. Coimbra, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais, 2002. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF>. Acesso em: 24 de maio de 2016.

SCHUCMAN, Vainer Lia. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. 1.ed. São Paulo: Annablume, 2014.

SEYFERTH, Giralda. Família, condição feminina e imigração. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**. Florianópolis, 2013.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TAVARES, Elaine. **Jornalismo nas margens**: uma reflexão sobre a comunicação em comunidades empobrecidas. 1.ed. Florianópolis: Companhia dos loucos, 2004.